

Da lavoura para a indústria, um caminho quase perfeito: construção da modernidade em Ampére-PR

Neli Gehlen Motta (UNIOESTE)

O trabalho ora apresentado tem como objetivo problematizar a construção de discursos envolvendo o processo de industrialização do município de Ampére. Percebem-se, a partir de fontes analisadas, a produção e disseminação de ideias para justificar o “progresso” e a “modernidade” da cidade, baseadas na implantação destas indústrias, cujo processo acarretou em uma série de outras transformações. Ambos os termos – progresso e modernidade – são postos aqui entre aspas por serem entendidos não como palavras desprovidas de sentido histórico, mas, ao contrário, sendo percebidas como parte de discursos que visam à transformação de uma realidade, essencialmente agrícola, para outra, industrializada. Durante os levantamentos iniciais feitos para a pesquisa, notou-se que as ideias de “progresso” e “modernidade” utilizadas em Ampére não são novas, estando presentes já em meados do século XX, nas políticas públicas adotadas por grupos dirigentes do governo do Estado do Paraná.

Assim, buscar-se-á compreender primeiramente os discursos que constroem a ideia de um “Paraná Maior”, desenvolvido durante a gestão de Moyses Lupion, para, posteriormente, analisar quais as relações entre estes e os discursos que identificam Ampére como *Um município chamado progresso*. Seguindo uma linha discursiva muito semelhante a adotada por Lupion e sua equipe de governo, a Prefeitura Municipal de Ampére, com o apoio de empresários da cidade, fez uma série de publicações enaltecendo os movimentos em prol do progresso e da modernização da cidade, destacando os investimentos na industrialização e procurando demonstrar as melhorias que o avanço de tal setor poderia trazer para o município. Em uma destas publicações, a revista “Ampére 34 anos, III FICAMP”, tais interesses ficam explícitos em diversos trechos, como, por exemplo, quando são destacadas as reformas feitas nas estradas do interior do município, as quais vão, em certa

medida, beneficiar as indústrias, “permitindo o transporte dos produtos agrícolas com segurança e barateamento do custo”. Assim, o objetivo em construir tal relação será o de analisar nas duas publicações a intenção de convencer a população de que o *progresso* e a *modernidade* trarão benefícios para todos.

O Paraná como discurso

O Paraná teve sua emancipação política firmada em 1853, tornando-se província, momento que marca maior controle político da região. Desde logo houve a preocupação em ocupar e desenvolver a região, considerada até então como rota de passagem para outras províncias. Ao longo das primeiras décadas os investimentos foram no sentido de abrir estradas e povoar o território, além de incentivos ao desenvolvimento da agricultura e comércio de madeiras. (WACHOWICZ, 2001) Já no século XX constroem-se os primeiros discursos sobre o Estado, criando a ideia de um território moderno e progressista, conforme afirma Hermógenes Lazier:

"A Revolução de 1930 simboliza a vitória burguesa no Brasil. No Paraná o ano de 1930 é um marco no processo de ocupação do Estado, pois mais da metade do território — o norte, o oeste e o Sudoeste — foi ocupado após essa data. No processo de ocupação do Paraná Tradicional predominou a grande propriedade latifundiária. Na ocupação do norte, oeste e sudoeste, ao contrário predominou a pequena propriedade. Trata-se, portanto, da ocupação da terra através do sistema capitalista, que é dinâmico e modernizante. Dinâmico porque visa lucro, que são reinvestidos. Modernizante porque diversifica a economia e a sociedade. Ocorre o progresso técnico, visando redução de custos. A modernização requer o uso crescente de equipamentos agrícolas, adubos e inseticidas. O modelo, da pequena propriedade sendo revolucionário, acarretou mudanças quantitativas e qualitativas na realidade paranaense, surgindo, assim, o Paraná Moderno". (LAZIER, 2003, p. 28)

O texto acima apresentado registra uma tendência dos intelectuais em reforçar os discursos disseminados pelo Estado, demonstrando a preocupação em convencer a população de que modernizar era preciso, a qualquer custo. Buscando relacionar os discursos do fim da década de 1980 em Ampère com

os produzidos anteriormente por políticos e intelectuais no Estado do Paraná, pode-se afirmar que os mesmos podem ter servido de modelo e incentivo para a formação da ideia de que é papel impreterível do Estado modernizar e fazer progredir a economia e a sociedade como um todo. Assim, buscar-se-á agora identificar alguns dos discursos que constroem a ideia de um “Paraná Maior”, desenvolvido no âmbito estadual pelo governador Moyses Lupion, para então expandir a compreensão das relações entre estes e os discursos sobre Ampére. Para melhor ilustrar os eixos que esta análise adota, segue um breve trecho do livro “A concretização do plano de obras do governador Moyses Lupion, 1947-1950”, no qual se pode encontrar o seguinte:

[...] o planejamento traçado se transmudou em realizações promissoras para o *progresso* e para a economia deste Estado, para a educação, saúde e bem-estar de seu povo, concorrendo assim, alvissareiramente, para a anelada construção de um PARANÁ MAIOR. (PARANÁ, 1950, p. 08)

Nesta obra, em sua maior parte descritiva, nota-se em quais setores o governo mais investia, quais seus interesses e ligações políticas e econômicas, assim como quais dados achava importante expor para a população. Uma publicação como esta, que enaltece e legitima práticas governamentais, não pode ser entendida como neutra ou imparcial, nem ser vista como mero informativo administrativo. Antes de tudo, ela busca produzir e reafirmar determinada visão do Estado do Paraná, que vem passando por mudanças econômicas e sociais, impulsionadas pelo desenvolvimento do país como um todo. Neste período, conforme analisa a autora Deisi Rizzo na obra Saneamento e Sertão, uma série de medidas vem sendo adotadas para modificar a realidade brasileira, como, por exemplo, a crescente preocupação com o desenvolvimento de hábitos sanitaristas. Neste sentido, o governo passa a focar investimentos e discursos em áreas consideradas “subdesenvolvidas”, sendo que

[...] o desenvolvimento das regiões consideradas improdutivas, abandonadas e incivilizadas tornou-se um imperativo e constituiu-se enquanto discurso. Dessa maneira, puderam entrar em ação uma série de dispositivos visando nortear

condutas e modos de intervenção numa determinada realidade, assim como recusar alternativas que pudessem ameaçar esse empreendimento. (RIZZO, 2012, p. 21)

É importante salientar neste ponto o que estamos entendendo aqui como discurso. Seguindo uma linha de raciocínio que se aproxima de indicações feitas por Michel Foucault, compreende-se que o discurso “possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas.” (REVEL, 2005, p. 37) Neste sentido, ao elaborar a análise aqui apresentada, tomamos como norte a compreensão de que o discurso é parte constituinte da sociedade, enunciando, legitimando e direcionando práticas. As práticas discursivas diversas, entendidas pra além do texto escrito ou falado, produzem a sua verdade sobre um fato, um local, ou todo um período. Assim, para além da análise das mudanças materiais ocorridas no Estado, vemos como imprescindível a análise dos discursos que as fundamentaram, servindo para persuadir a visão dos sujeitos envolvidos diretamente no processo, assim como os que o analisam posteriormente. Nossa tentativa não é desconstruir uma ideia sugerindo algo novo para preenchê-la, mas sim, problematizar algumas das visões cristalizadas sobre o Paraná e sobre a cidade de Ampére.

O município de Ampére

Para a melhor compreensão do contexto desta pesquisa, faz-se necessário expor algumas questões acerca do município de Ampére, do processo de industrialização pelo qual passou, e do papel que a publicação de revistas teve nesta conjuntura.



Figura 01. Ampére. Paraná.

A cidade de Ampére localiza-se na região Sudoeste do Estado do Paraná. Teve sua emancipação reconhecida em 1961. A população do município, de acordo com dados do Censo 2010, é de 17.308 habitantes, sendo que 13.257 residem na zona urbana e 4.051 na zona rural. De acordo com o historiador Ruy Wachowicz, a chegada de novos moradores à região Sudoeste aconteceu de forma mais acentuada e controlada após a implantação da CANGO – Colônia Agrícola Nacional General Osório – a qual fazia parte da política de ocupação dos territórios fronteiriços implantada por Getúlio Vargas, a chamada “Marcha para o Oeste”. Essas pessoas vieram de regiões próximas em busca de melhores condições de vida e também de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, como parte de um processo mais amplo de migrações presente na época. Ainda segundo Wachowicz, as primeiras atividades comerciais realizadas no Sudoeste paranaense, por volta de 1920, foram extração de erva-mate e criação de porcos, quando ainda havia poucos habitantes naquela região na época, sendo que a ocupação tornou-se mais expressiva quando teve início a extração do pinheiro araucária, abundante naquele local. (WACHOWICZ, 1985)

A industrialização

Por um longo período o município permaneceu essencialmente agrícola, tendo sua economia baseada nas pequenas propriedades e na extração da mata nativa. No que diz respeito ao processo de estabelecimento de indústrias na cidade, criou-se como marco consensual o ano de 1989, sendo que o mesmo ocorreu por iniciativa da Prefeitura Municipal, a partir da implantação dos regimes de comodato – acordo no qual a Prefeitura cede os barracões com toda a infraestrutura necessária e o empresário, em contrapartida, compromete-se em fazer a indústria progredir no prazo de cinco anos, do contrário, terá que devolver as instalações ao poder público. A industrialização de Ampére pode ser compreendida numa relação mais ampla com a região a que pertence, o Sudoeste. Segundo César Augusto Lustosa, as indústrias

começaram a ser implantadas com relativo atraso no Sudoeste do Paraná – se comparadas a outras regiões do país – quando, de acordo com o autor, a estrutura social se modificou, possibilitando a criação das primeiras fábricas. Segundo este autor, havia no Sudoeste uma série de pequenas propriedades rurais, o que fez com que surgisse certo nível de comércio entre elas, com a presença de pequenos estabelecimentos e a fabricação de alguns produtos artesanais comercializados entre os indivíduos da própria região. Assim, essa estrutura que mesclava a atividade rural com aquelas de beneficiamento de produtos, fez com que a industrialização ocorresse somente mais tarde. (LUSTOSA, 2010)

Segundo Lustosa, foi com a modernização do campo, iniciada no Sudoeste por volta de 1960, que as cidades passaram a oferecer condições propícias para a instalação de indústrias. Devido à substituição do trabalho humano pelo dos maquinários, fertilizantes e defensivos, além da expansão de latifúndios, houve na região elevado êxodo rural, o qual é também parte de uma dinâmica maior de modernização agrícola e urbana. A precarização das condições de vida no campo, frente à concorrência dissonante com as novas tecnologias não acessíveis, fez com que muitas pessoas saíssem da zona rural e fossem para as cidades. Esse número excessivo de pessoas, sem ocupações fixas, com poucas condições de subsistência e dispostas a trabalhar para garantir a sobrevivência sua e das famílias, foi imprescindível para o desenvolvimento das indústrias, pois punha à disposição dos empresários um elevado número de trabalhadores prontos a aceitar as condições mais adversas, haja vista que, muitas vezes, não havia perspectiva de condições melhores.

Por fim, é importante analisar também a dinâmica maior que possibilitou a modernização do campo e da cidade. Nesse sentido, Francisco de Oliveira apresenta sua análise do conjunto de medidas tomadas a partir de 1930, que facilitaram a industrialização brasileira, tais como a criação das leis trabalhistas, a transferência de excedentes da atividade agroexportadora para a indústria, entre outras, indo até a época da publicação de seu ensaio “Crítica à razão dualista”, em 1972. A análise da obra de Francisco de Oliveira nos permite

perceber uma visão diferenciada desse processo. O autor não o vê como mera fatalidade histórica, mas sim como parte de um conjunto mais amplo de mudanças que o mundo como um todo vinha passando, advindas do novo sistema econômico implantado. Além disso, Oliveira destaca que a compreensão do processo de instalação do capitalismo mais efetivo no Brasil é importante haja vista as mudanças ocorridas a partir disso, dentre as quais podemos citar, ao passo que nos interessa no momento, a industrialização, a “modernização” e as desigualdades sociais acirradas com tais processos. (OLIVEIRA, 2003) É importante destacar ainda que, a partir da análise de conjunturas mais amplas, é possível perceber que o processo ocorrido em Ampére não é único nem precursor, haja vista que o Estado já vinha a algum tempo atuando como maior fomentador do desenvolvimento da economia como um todo. Portanto, ao colocar o projeto de industrialização em funcionamento, o então Prefeito apenas fez uso de formas de atuação da administração pública já existente.

As revistas e a construção dos discursos

Ao longo do tempo em que ocorre a instalação de indústrias, observa-se também a construção de discursos sobre a cidade de Ampére, os quais a definem como “polo industrial da região Sudoeste”, “município chamado progresso”, “terra de oportunidades”, entre outros jargões. Esses discursos são altamente difundidos pelos meios de comunicação do município e da região, assim como pelo site oficial da Prefeitura e por placas colocadas em pontos estratégicos da cidade, conforme demonstrado no trabalho de conclusão de curso intitulado “*Um município chamado progresso: discursos acerca da cidade de Ampére-PR*”, de minha autoria. A construção dessa versão, que se quer oficial, acerca do processo de industrialização de Ampére-PR, nas décadas de 1980, 1990 e 2000, se deu principalmente por publicações feitas pela Prefeitura, as quais foram distribuídas para os munícipes e em outras cidades da região. (MOTTA, 2011)

Essas publicações, entendidas aqui como revistas, não foram produzidas periodicamente. Sua elaboração dependia da iniciativa da

administração pública, que organizava e financiava as mesmas. É possível perceber em várias edições a presença de elementos diretamente ligados a grupos dominantes da cidade. Tais grupos utilizam a revista como meio de promoção do “polo industrial” de Ampére. Em algumas das publicações isso fica ainda mais claro, pois é possível encontrar na ficha editorial a participação de outras entidades, além da Prefeitura e da ACEAMP, como, por exemplo, representantes das indústrias, que contribuem inclusive na elaboração dos textos.

A partir de um levantamento feito na Biblioteca Pública Municipal, na Secretaria de Educação, Cultura e Esporte da Prefeitura e com pessoas da cidade de Ampére, foi possível encontrar sete publicações, que serviram como primeira fonte para a pesquisa. As revistas utilizadas foram as seguintes: *Jubileu de Prata* (1986); *Ampére 30 anos – I FICAMP* (1991); *Ampére 34 anos – III FICAMP* (1995); *Ampére 38 anos – Edição de aniversário* (1999); *Apaixone-se por Ampére – 40 anos* (2001) e *Prestando Contas – 2001-2003* (2004). Além disso, analisei também alguns dados divulgados em um *Boletim do Programa de Emprego e Renda* (PRODER) em conjunto com o SEBRAE, publicado em 1998.

Os discursos estão presentes em todas as revistas, por vezes de forma escrachada, nas reportagens e propagandas, e outras vezes de forma mais sutil, com ares de verdade, em tabelas, gráficos, e dados estatísticos. Seja como for, é imprescindível destacar que essas “verdades” são produzidas a partir de uma determinada visão de mundo, de grupos políticos e econômicos da cidade, com interesses bastante claros, ligados à industrialização. De acordo com o autor José Luiz Fiorin, o discurso constrói a versão oficial. Assim, “(...) quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação”. Deste modo, é possível perceber em diversos pontos das revistas a produção e reafirmação do discurso dominante na cidade, que constrói e dissemina a ideia de que Ampére é uma cidade com grande potencial industrial, bom nível de desenvolvimento e “um ótimo lugar para viver”.

A reportagem

Intitulada “Da lavoura para a indústria, um caminho quase perfeito”, publicada na revista “Ampére 34 anos, III FICAMP”, de 1995, a reportagem escolhida para esta análise exalta as readequações feitas nas principais estradas rurais do município, as quais foram pavimentadas com pedras irregulares, de forma que possibilitassem melhor circulação, tanto dos moradores quanto – e principalmente – dos caminhões que fazem a coleta do leite, das aves, de grãos e outras matérias primas, que são produzidos pelos pequenos produtores.

Da lavoura para a indústria, um caminho quase perfeito



Estrada readequada, margeada de lavouras com murundum

Quando estive em Ampére, em 1993, para uma maratona de inaugurações no município, o então vice-governador do Paraná, Mário Pereira, se referiu ao calçamento com readequação da estrada dizendo: “Isso é coisa de primeiro mundo”. A comitiva governamental visitou várias comunidades do interior depois de dois dias de chuva intensa praticamente sem sujar os pneus dos veículos. Isso tornou-se possível graças ao sistema adotado com exclusividade em Ampére.

Primeiro o leito da estrada é elevado em cerca de 80 centímetros para depois receber a pavimentação com pedras irregulares. Paralelamente ao trabalho de pavimentação, as lavouras ao redor são dotadas de

microbacias, com a construção de murunduns. Isso permite a conservação da estrada, do solo e a preservação dos rios e nascentes de água. Cerca de 85% das propriedades rurais foram beneficiadas com este programa.

O município já conta com 44 Km de estradas rurais pavimentadas nesse sistema, permitindo o transporte dos

produtos agrícolas com segurança e barateamento de custo. Recentemente a patrulha do DER (Departamento de Estradas e Rodagem) esteve no município onde efetuou o cascalhamento de 35 Km de estradas.

Outro projeto é o da readequação cujo processo é o mesmo do calçamento com exceção ao acabamento. Nesse caso, em vez das pedras irregulares, o leito da estrada é recoberto com cascalho. Vários trechos já receberam esse tipo de tratamento, deixando a quase totalidade das estradas do interior em perfeitas condições de uso, facilitando o transporte da produção, da população e principalmente dos estudantes, que utilizam diariamente o sistema coletivo.



Curso de Costureiro Industrial, ministrado pelo Senai

Formar mão-de-obra, uma necessidade local

Com um setor industrial incrementado, Ampére começa uma caminhada paralela para o aquecimento da comercialização. Para isso a administração municipal sentiu a necessidade de qualificação da força de trabalho e trouxe para o município no ano passado, um núcleo do Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). O núcleo foi instalado junto à Associação Comercial e Industrial de Ampére.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-Senai, presente no município há cinco anos, já formou vários marceneiros e costureiros. As primeiras turmas receberam instruções a partir de unidades móveis que vieram especialmente ao município. Atualmente, através de parceria, mantém uma escola permanente de costureiro industrial.

Figura 02. Reportagem da Revista “Ampére 34 anos, III FICAMP”.

Percebe-se, assim, que esses investimentos são feitos principalmente com o intuito de beneficiar as indústrias da cidade, pois a pavimentação de boa qualidade tem como efeito a melhoria no tráfego, “permitindo o transporte dos produtos agrícolas com segurança e barateamento do custo”. Assim, é possível afirmar que a agricultura foi posta a serviço da indústria e a partir disso foram realizadas as melhorias nas condições das estradas, para que a produção do campo chegasse mais facilmente até a cidade. Em outros trechos da mesma revista e em outras publicações analisadas, é possível notar o valor exacerbado que as políticas públicas da cidade de Ampére dão às indústrias, relegando ao segundo plano outros setores importantes, como a saúde e a educação, que deixam de ser importantes por si só, sendo colocadas em função de um “bem maior” para o município, o qual seria o progresso que as indústrias gerariam. Exemplos da situação descrita acima podem ser percebidos nas reportagens intituladas “Na educação a formação de mão-de-obra” e no trecho “visando além da preservação da saúde a capacitação física para o trabalho, o município possui um programa de prevenção”.

Portanto, para justificar as ações de modernização tomadas pela administração pública, percebe-se que ela foi, inúmeras vezes, vinculada à ideia de progresso. Esse conceito, utilizado primeiramente por Kant e fortemente influenciado pelo Iluminismo, remetia-se inicialmente ao desenvolvimento do espírito humano, na busca por um constante aperfeiçoamento moral. A partir deste autor, o conceito foi reinterpretado diversas vezes, sendo posto a serviço dos interesses de cada um que o utilizava. Já no século XX, passa a ocorrer a associação entre progresso e o desenvolvimento puramente econômico. Em seguida, progresso passou a ser entendido, de forma mais recorrente, como crescimento financeiro ou tecnológico, seja de uma pessoa, de uma empresa, uma sociedade, de um Estado ou do mundo como um todo. Com base nestes ideais, muitas ações políticas foram tomadas pelo governo, no intuito de convencer a população em geral que o desenvolvimento material de determinados setores teriam como

consequência direta o crescimento dos outros. Assim, percebe-se nas publicações brevemente analisadas, tanto do município de Ampére quanto na do governo do Estado, a clara intenção de convencer a população de que o *progresso* trará benefício para todos. Tal intenção pode ser compreendida quando tomamos a assertiva de Michel Foucault no texto “A vida dos homens infames”, no qual ele afirma que “[o poder] incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho, ele faz agir e falar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAZIER, Hermógenes. Paraná: terra de todas as gentes e de muita história. Francisco Beltrão, PR: Grafitec, 2003.

LUSTOSA, César Augusto. A industrialização e o desenvolvimento local: parque industrial “Eduardo Dágios” em Pato Branco-PR. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2010.

MOTTA, Neli Gehlen. “Um município chamado progresso”: discursos acerca da cidade de Ampére-PR. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista. O ornitorrinco. São Paulo, SP: Boitempo, 2003.

PARANÁ. A concretização do plano de obras do governador Moyses Lupion. 1947-1950.

Prefeitura Municipal de Ampére. Revista Ampére 34 anos, III FICAMP. Ampére, PR: Editora Jornal da Cidade, 1995.

REVEL, Judith. Foucault: conceitos essenciais. São Carlos: Editora Claraluz – 2005.

RIZZO, Deisi. Saneamento e sertão: discursos médicos, políticas sanitárias e colonização no Paraná. Guarapuava: Unicentro, 2012.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização. Curitiba, PR: Lítero-Técnica, 1985.

_____. História do Paraná. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 2001.